

---

## O FENÔMENO DA REFERENCIAÇÃO POR MEIO DE “MOVIMENTOS” FUNCIONAIS: UMA PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE COMPREENSÃO TEXTUAL<sup>1</sup>

### THE PHENOMENON OF REFERENTIATION THROUGH FUNCTIONAL "MOVEMENTS": A DIDACTIC PROPOSAL FOR TEACHING-LEARNING OF TEXTUAL COMPREHENSION

José Alves Ferreira Neto<sup>2</sup>  
Valdinar Custódio Filho<sup>3</sup>

**Resumo:** *Este artigo tem como objetivo analisar uma proposta didática de atividade de compreensão textual cujo foco é o desenvolvimento das estratégias de referenciação, por meio dos “movimentos” funcionais, conforme a proposta de Custódio Filho (2011). Para a realização deste trabalho, partimos do pressuposto de que a referenciação, uma das estratégias textual-discursivas mais enfatizadas na agenda de estudos da Linguística Textual, é uma atividade sociocognitivo-discursiva que auxilia no processo de ensino-aprendizagem de compreensão textual. Estabelecemos como questão central de nossa pesquisa verificar se os pressupostos da referenciação ajudariam os discentes na construção de sentidos dos textos. Intencionamos como objetivo principal, portanto, auxiliar nossos alunos na atividade de compreensão textual, por meio do entendimento das estratégias de referenciação. Como metodologia, aplicamos a proposta de atividade em uma turma de 9º ano do fundamental II de uma escola pública de Fortaleza. Consideramos que o desvelamento da construção referencial por meio dos “movimentos” funcionais proporcionou uma reflexão proveitosa e necessária aos alunos. As questões possibilitaram que os discentes compreendessem como a construção dos “movimentos” funcionais faz os objetos de discurso progredirem no decurso da compreensão textual. Ressaltamos que a principal contribuição deste estudo foi mostrar que os pressupostos teóricos da Linguística Textual podem trazer resultados positivos na prática pedagógica. Para a realização deste trabalho, adotamos como pressupostos teóricos os postulados da referenciação, conforme Mondada e Dubois (2003), Cavalcante (2011) e Custódio Filho (2011).*

**Palavras-chave:** *Estratégias de referenciação; “Movimentos” funcionais; Ensino de compreensão textual.*

**Abstract:** *This article aims to analyze a didactic proposal of a text comprehension activity that focuses on the development of reference strategies through functional “movements”, according to the proposal of Custódio Filho (2011). To carry out this work, we assume that referencing, one of the textual-discursive strategies most emphasized in study agenda of Textual Linguistics, is a sociocognitive-discursive activity that assists in the teaching-learning process of comprehension textual. We established as a central question of our research to verify if the assumptions of referencing would help the students in the construction of text meanings. Therefore, our main objective is to assist our students in the textual comprehension activity, by understanding the referencing strategies. As a methodology, we applied the activity proposal to a 9th grade elementary school class from a public school in Fortaleza. We consider that the unveiling of referential construction through functional “movements” provided a useful and necessary reflection for students. The procedures enabled students to understand how the construction of functional “movements” makes the objects of speech progress in the course of text comprehension. We emphasize that the main contribution of this study was to show that the theoretical assumptions of Textual Linguistics could bring positive results in pedagogical practice. In order to carry out this work, we adopt as theoretical presuppositions the postulates of reference, according to Mondada and Dubois (2003), Cavalcante (2011) and Custódio Filho (2011).*

**Keywords:** *Referral strategies; Functional “movements”; Teaching of textual comprehension*

---

<sup>1</sup> Esta pesquisa contou com auxílio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), mediante bolsa de estudo para realização do curso de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual do Ceará (Profletras UECE).

<sup>2</sup> Professor efetivo da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza e da Secretaria da Educação do Ceará. Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Fortaleza, Brasil, ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-0597-8716>>. E-mail: [jfnetoce@gmail.com](mailto:jfnetoce@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor adjunto I da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, Brasil, ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-7704-8836>>. E-mail: [valdinarcustodio@gmail.com](mailto:valdinarcustodio@gmail.com)

## 1 Introdução

O processo de referenciação é uma das estratégias de textualização mais enfatizadas pela Linguística Textual. O conceito de referenciação extrapola a dimensão inicial de coesão referencial, que se limita à estrutura linear do texto com foco na retomada de elementos linguísticos da superfície textual, e passa a considerar o fenômeno como atividade sociognitivo-discursiva (MONDADA; DUBOIS, 2003). A referenciação se constitui, portanto, como um processo responsável pela orientação argumentativa dos enunciados, uma vez que, mediante o desenvolvimento dos mecanismos que promovem a construção dos referentes, o mundo textual é categorizado e recategorizado, construindo-se, textualmente, os sentidos vivenciados pelos sujeitos.

Neste artigo, investigamos a aplicação dos pressupostos teóricos da referenciação relacionados ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, principalmente no que se refere ao papel do professor na busca da construção de sentidos na atividade de compreensão textual. Assim, analisamos os resultados obtidos com uma atividade de compreensão textual que implementamos com alunos de uma turma de 9º ano, a qual tem como foco principal chamar a atenção para a construção da referência por meio dos “movimentos” funcionais, conforme proposto por Custódio Filho (2011).

A problemática de nosso trabalho se pauta na constatação de que a abordagem em sala de aula sobre o estudo da referenciação ainda não está plenamente satisfatória no que se refere ao ensino de compreensão textual, uma vez que ainda são poucas as pesquisas sobre o fenômeno que aplicam os pressupostos teóricos na prática pedagógica. Assim, a justificativa de nossa pesquisa centra-se em apresentar uma sequência de atividades pedagógicas com foco na construção dos processos referenciais, o que pode ajudar no trabalho reflexivo e crítico por parte dos docentes de Língua Portuguesa para o planejamento e execução de suas aulas.

O artigo se organiza em duas seções: na primeira, discorremos sobre o fenômeno da referenciação, destacando a análise da referência por meio dos “movimentos” funcionais, segundo a proposta de Custódio Filho (2011); na segunda, demonstramos nossa análise e discutimos os resultados obtidos, além de refletir sobre a importância da aplicação dos pressupostos teóricos da referenciação na prática docente.

## 2 A construção da referência por meio de “movimentos” funcionais

A proposta da referenciação é fundamental para a compreensão sobre como se dá a relação entre língua e realidade. Seguindo o quadro teórico já estabelecido em Mondada e Dubois (2003) e Custódio Filho (2011), compreendemos que o processo de referenciação diz respeito ao conjunto de operações dinâmicas, sociocognitivamente motivadas, que os interlocutores realizam, ao passo que a interação comunicativa se desenvolve, com o objetivo de (re)significar as experiências vividas, com base na construção partilhada dos objetos de discurso, que asseguram a construção de sentidos (CAVALCANTE, 2012).

Os estudiosos que defendem esse posicionamento rejeitam os pressupostos que concebem o ato de referir como uma ação apenas designativa. A proposta da referenciação estabelece, assim, que a elaboração dos referentes seja ancorada pelo princípio dinâmico que constitui a linguagem. Ante isso, julgamos que o processo de referir não pode ser visto apenas como uma relação direta na qual a língua representa as categorias do mundo. O que se ressalta é que a realidade, assim como a linguagem, não está pronta e acabada, mas é construída e reconstruída a partir das atividades cognitivo-discursivas que os sujeitos realizam no sempre dinâmico processo de interação. Sobre isso, Mondada e Dubois (2003, p. 17) explicam que

as categorias e os objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes nem dados, mas se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos. Nesse caso, as categorias e objetos de discurso são marcados por uma instabilidade constitutiva observável através de operações cognitivas ancoradas nas práticas, nas atividades verbais e não-verbais, nas negociações dentro da interação.

Como defendem as autoras, os locutores estão, continuamente, construindo e reconstruindo sentidos a partir da negociação que fazem com os demais interlocutores da enunciação. A realidade não existe por si mesma, pelo contrário, ela é construída com base nos efeitos que os enunciadores planejam extrair dela, a fim de atender suas demandas, nas interações comunicativas.

O dinamismo da abordagem textual-discursiva da referenciação fundamenta-se no paradigma sociocognitivista (KOCH; CUNHA-LIMA, 2005; CUSTÓDIO FILHO, 2011), o qual se calca em três princípios basilares:

- a referenciação é uma (re)elaboração da realidade, na medida em que as categorias são inerentemente instáveis nos usos efetivos da linguagem, o que ressalta que os

objetos de discurso sofrem transformações de acordo com as particularidades de cada situação interativa;

- a referenciação é um processo resultante da negociação entre os interlocutores da interação comunicativa, o que significa que os sujeitos sempre negociam os sentidos que constroem ao interagirem ativamente, mediante acordos<sup>4</sup> que garantem a progressão dos objetos de discurso;
- a referenciação se caracteriza pela natureza sociocognitiva dos objetos de discurso, haja vista haver uma relação fundamental entre o processo de conhecer (aspecto da cognição) e as experiências culturais (aspecto do social), de sorte que esses dois planos – o cognitivo e o social – não são apartados um do outro.

A partir desses três princípios, constatamos que o processo de referenciação é caracterizado por uma certa instabilidade, que está ligada à dimensão constitutivamente intersubjetiva das atividades cognitivo-discursivas. Sobre esse assunto, Mondada e Dubois (2003) concebem a referenciação como um processo em que os interlocutores constroem colaborativamente os referentes, ou seja, objetos cuja existência se estabelece no discurso, mediante práticas simbólicas e intersubjetivas.

Além disso, conforme Mondada e Dubois (2003), a visão dinâmica da referenciação leva em consideração, sobretudo, um sujeito sociocognitivo, em vez de um sujeito simplesmente “encarnado”, ou seja, que não considera os aspectos cognitivos da interação. Esse sujeito constrói o conhecimento ao curso do cumprimento das interações sociais que estabelece, dando sentido à língua, ao mundo e às próprias práticas comunicativas. A natureza sociocognitiva da referência é entendida, por conseguinte, como intersubjetiva, a qual é construída histórica e socialmente.

As investigações realizadas nos últimos anos a respeito do processo de referenciação demonstram que houve um redimensionamento nos critérios de definição desse objeto de estudo, que hoje é caracterizado, sobretudo, por ser alicerçado em aspectos de ordem textual, discursiva e cognitiva, o que comprova a sua natureza essencialmente pragmático-discursiva (LIMA; CAVALCANTE, 2015). A partir disso, as análises engendradas sob os pressupostos sociocognitivistas estão cada vez menos insistindo na obrigatoriedade da presença de uma expressão referencial para que haja a re(construção) do objeto de discurso.

---

<sup>4</sup> É certo que nem todas as situações de interação se pautam por um acordo efetivo entre os interlocutores. Sobre essa questão, ver Custódio Filho (2017).

Nesse sentido, defendemos, como Cavalcante (2011) e Custódio Filho (2011), que, atualmente, as pesquisas em referenciação podem ser vinculadas a duas tendências, que não são excludentes, mas complementares, visto que ambas partem dos mesmos pressupostos de orientação sociocognitivista. Segundo Custódio Filho (2011, p. 125), “o que muda é o foco de análise (e a conseqüente ampliação da noção de texto/discurso), no que diz respeito à participação e integração dos elementos linguísticos e não linguísticos na construção da referência”.

Custódio Filho (2011, p. 126) explica que a primeira tendência<sup>5</sup> tem como eixo central a seguinte questão:

de que maneira os usos referenciais (= expressões referenciais) elucidam/confirmando os postulados assumidos pela referenciação? Em linhas gerais, pode-se dizer que essa tendência parte das expressões referenciais acionadas em um texto para refletir sobre a natureza sociocognitivo-discursiva do fenômeno.

Essa proposta de investigação tem, pois, como ponto principal o estudo das relações existentes entre as expressões referenciais. As análises concentram-se, sobretudo, no estudo da relação entre a introdução referencial e as anáforas como forma de progressão referencial e na maneira como se depreende o projeto de dizer do enunciador a partir das expressões referenciais utilizadas.

Vejamos como se efetiva uma investigação a partir dessa perspectiva, tomando o texto a seguir, analisado por Custódio Filho (2009), como exemplo:

(1)

**Assassinaram o *Happy Hour*!!!**

Má Oliveira

(LEI SECA Nº 11.705, DE 19 JUNHO DE 2008)

Esses caras beberam???

A lei seca não afeta o mais famoso alcoólatra deste país e sabe por quê? Porque EU pago o motorista dele! É... essa lei é mais uma que só afeta os pobres...

Se ele bebe mesmo quanto dizem, pelo Princípio da Isonomia (CF artigo 5º caput), exijo que esse sujeito passe pelo teste do bafômetro diariamente, antes de sentar-se na cadeira da presidência, afinal, por que ele pode dirigir nossas vidas embriagado (como dizem) e eu não posso dirigir meu carro após tomar UMA cerveja? [...]⁶

No exemplo, temos que um mesmo objeto de discurso, determinado pelas expressões sublinhadas, aparece sob formas diversas. Com o desenvolvimento da leitura, percebemos que

---

<sup>5</sup> Encontram-se pesquisas dessa natureza na obra de Koch e Elias (2009) e na de Cavalcante (2003).

<sup>6</sup> Disponível em <<http://recantodasletras.uol.com.br/cronicas/1058238>>. Acesso em: 27 jan. 2009.

esse referente se refere ao ex-presidente Lula. As expressões nominais (“o mais famoso alcoólatra deste país” e “esse sujeito”) comprovam, explicitamente, o olhar depreciativo a partir do qual o enunciador caracteriza o referente, o que é determinado pelo seu projeto argumentativo: criticar a Lei Seca.

A segunda tendência<sup>7</sup> parte de uma dinâmica mais ampla que a da primeira, visto que engloba todos os elementos que atuam na construção dos sentidos do texto, não se limitando ao universo das expressões referenciais. A fim de esclarecer essa proposta, Custódio Filho (2011, p. 139) explica que essa abordagem parte do seguinte questionamento:

de que maneira os vários elementos que participam da configuração textual (superfície linguística, aparato cognitivo, aspectos sócio-históricos e circunstanciais) são acionados para a construção de referentes? Além de entender como as relações entre as expressões referenciais podem ser tratadas sob o viés sociocognitivo-discursivo, importa saber como os referentes, construtos fundamentais para a produção dos sentidos, são elaborados, levando-se em conta que tal construção é passível de ocorrer dentro de uma dinâmica muito mais ampla, que não se limita, exclusivamente, ao universo das expressões referenciais.

Essa perspectiva de abordagem procura observar como os referentes vão sendo (re)construídos ao longo dos processos de produção ou de compreensão do texto. Com isso, é possível reconhecer que os objetos de discurso são continuamente recategorizados sem ser preciso, necessariamente, utilizar uma expressão nominal para que essa recategorização seja homologada. Existem outras possibilidades altamente produtivas para a realização da recategorização referencial, por exemplo, por meio de sintagmas adjetivais e de conteúdos proposicionais. Em relação a essa questão, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) esclarecem que a recategorização consiste em um processo contínuo e complexo de transformações cognitivo-discursivas pelas quais os referentes passam no transcorrer de um texto. Segundo os autores,

A transformação não se dá pontualmente, mas vai acontecendo à medida que as inúmeras pistas dadas por expressões referenciais, ou não, ajudam o leitor a compor novos sentidos e novas referências. Em todo o texto, o locutor constrói a referência com base numa interpretação do mundo real, recategorizando a informação precedente ao acrescentar novas predicções, disponíveis, em diferentes graus, no conhecimento das pessoas, à medida que transcorre a interação (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 156).

---

<sup>7</sup> Exemplos de trabalhos vinculados à segunda tendência são os de Cavalcante (2011) e Ferreira Neto (2018).

Faz-se necessário atestar que essa proposta não desvaloriza a importância da recategorização referencial por meio da utilização de expressões referenciais, pois se reconhece sua função indispensável na construção de sentidos via textos e para o desenvolvimento do projeto de dizer do enunciador. Todavia, é essencial considerar uma dinâmica mais ampla para a (re)construção de sentidos na tessitura textual. Nesse âmbito, as considerações realizadas por Cavalcante e Brito (2016, p. 125) explicam a dinâmica da proposta realizada pela segunda tendência nos estudos de referenciação:

Não estamos subestimando o valor das formas de expressão referencial na complexa tessitura das redes referenciais evolutivas, presentes em qualquer texto. Mas, para a concepção de referenciação que adotamos, não é suficiente considerar apenas o fato de a expressão anafórica explicitar as transformações sofridas pelo referente. Nem sempre elas são reveladas pela expressão designadora em si, pois outras pistas do contexto são responsáveis pela indicação de que o referente foi recategorizado.

Esses pressupostos revelam que a segunda tendência parte de um movimento de investigação diferente do da primeira, pois, como esclarece Custódio Filho (2011), o texto se caracteriza por sua natureza multifacetada. Vários fatores concorrem para a construção de sentidos, que não pode ficar restrita às expressões referenciais. É primordial uma investigação que priorize a língua em situações autênticas de interação e englobe os vários elementos contextuais que cercam o ato enunciativo.

A fim de compreendermos como pode ser feito um estudo vinculado à segunda tendência de pesquisa em referenciação, vejamos o exemplo a seguir, analisado por Cavalcante (2011):

(2)

— Antes de começarmos, por favor, me diga uma coisa, o que o senhor fazia no emprego anterior?

— Eu era funcionário público!

— OK! O senhor pode contar até dez?

— É claro! Dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, valete, dama, rei e ás<sup>8</sup>.

Segundo Cavalcante (2011), o que verificamos, nesse exemplo, é que ocorre a construção de um referente, “entrevista de emprego”, sem que haja uma expressão referencial que o introduza. Entretanto, muitos elementos ressaltam a sua “presença”:

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://www.osvigaristas.com.br/piadas/teste-de-admissao-8715.html>>. Acesso em: 15 jan. 2017.

A fórmula de início da entrevista, “Antes de começarmos”; a alusão a um emprego anterior; a dêixis social [“o senhor”], indicando a forma de tratamento respeitosa, tudo isso se conjuga ao conhecimento comum que se adquiriu do ritual comunicativo de uma entrevista de emprego e favorece a instauração da referência (CAVALCANTE, 2011, p. 120-121).

As reflexões de Cavalcante (2011) contemplam um postulado muito importante: as estratégias referenciais são bem mais amplas que o universo das expressões nominais. Avaliamos, portanto, que a segunda tendência surge para contribuir com novas abordagens de pesquisa, ampliando o que já vinha sendo estudado, trazendo uma dimensão mais abrangente para o arcabouço teórico da referenciação, uma vez que, nas análises realizadas pelos estudiosos vinculados a esta tendência, “convergem necessariamente aspectos de ordem textual, discursiva e cognitiva, em consonância com uma concepção sociocognitiva do texto assumida na atualidade pela Linguística Textual” (LIMA; CAVALCANTE, 2015, p. 297).

Em nossa proposta de atividade de compreensão, trabalhamos com um conto que apresenta quebra de expectativa – texto em que, em algum momento da história, acontece uma reviravolta no enredo. Em textos com essa particularidade, Custódio Filho (2011), seguindo os pressupostos preconizados pela segunda tendência de estudos em referenciação, estabelece que esses traços de sentidos se manifestam para pôr em destaque quatro “movimentos” funcionais: apresentação, mudança por acréscimo, mudança por confirmação, mudança por correção. Vejamos a seguir a definição para cada um desses movimentos.

O processo de apresentação diz respeito ao modo pelo qual um referente aparece pela primeira vez. Obviamente, esse processo ocorre uma única vez. Contudo, ele é uma etapa fundamental para que os demais processos possam efetuar suas funções.

Posteriormente à apresentação, ocorre o processo de mudança, que engloba todas as modificações por que passam os referentes, as quais permitem a percepção de que tais referentes alteram o estatuto de seus sentidos ao longo do texto. As mudanças são divididas em três tipos: por acréscimo, por confirmação e por correção.

O movimento funcional de acréscimo engloba os elementos que realizam modificações a um determinado referente por meio da construção de traços de sentidos que mudam a situação inicial do objeto de discurso. Destacamos que os acréscimos não realizam uma ruptura no que concerne à compreensão que até então tenha sido construída, como ocorre com o movimento funcional da correção, que veremos a seguir.

A etapa funcional de confirmação consiste na utilização de indícios que reiterem algum traço já erigido sobre o referente. Trata-se, conseqüentemente, de uma etapa em que se



mantém o que já tenha sido construído por (re)elaborações anteriores. Para entendermos bem essa etapa, devemos perceber que a confirmação, raramente, é uma mera repetição de traços; em vez disso, ela consiste em uma estratégia de realces importantes, uma vez que, quando uma confirmação ocorre, normalmente, há certo grau de mudança. Por exemplo, quando essa estratégia ocorre, pode ser realçado algum traço que não tinha sido destacado anteriormente ou pode ser enfatizado um mesmo traço que já havia sido salientado mediante a ação do personagem em outro contexto.

A mudança por correção advém das transformações que se direcionam, especificamente, para o efeito de surpresa e/ou, provavelmente, para as mudanças no estatuto dos personagens as quais se encaminham em sentido contrário ao que vinha sendo construído até então. Obviamente, as correções também são mudanças por acréscimo, todavia, nesta situação, a modificação tem a função principal de corrigir a construção referencial, com o objetivo, sobretudo, de que a nova formulação cause impacto no interlocutor. Ademais, essa estratégia tem um contexto de ocorrência muito específico, o da provocação de uma quebra de expectativa, o que não obrigatoriamente ocorre em todos os textos narrativos. Devido a isso, podemos concluir que, de um lado, os acréscimos e as confirmações são constitutivos de narrativas mais longas e, de outro, as correções não o são, podendo não ocorrer.

Em consonância com os pressupostos teóricos enfatizados neste trabalho, estabelecemos, na proposta de atividade de compreensão textual que apresentamos a seguir, questionamentos que concebem o processo de referenciação como um fenômeno textual-discursivo constituído por meio dos “movimentos” funcionais, por compreendermos que este é um modelo eficaz para dar conta do fenômeno da referenciação, haja vista contemplar, consoante Custódio Filho (2011), a integração de vários elementos que participam da configuração textual (superfície linguística, aparato cognitivo, aspectos sócio-históricos e circunstanciais) para a (re)construção de referentes.

Vejamos, então, a análise da referenciação por meio dos “movimentos” funcionais na atividade de compreensão textual que produzimos e aplicamos.

### **3 Análise da referenciação por meio de “movimentos” funcionais em uma atividade de compreensão textual aplicada com alunos de 9º ano do ensino fundamental**

A proposta didática que aqui apresentamos foi aplicada por um dos autores deste artigo com dezoito alunos de uma turma de 9º ano do ensino fundamental de uma escola

pública de Fortaleza-CE, no ano de 2017. A carga horária para a realização da atividade foi de 8 horas-aula.

A atividade de compreensão foi produzida tomando por base o conto “Venha ver o pôr do sol”, de Lygia Fagundes Telles<sup>9</sup>. Devido o texto ser extenso, dividimo-lo em sete fragmentos e propomos atividades para cada um dos fragmentos<sup>10</sup>. Com essa atividade, intentamos mostrar como a construção da referência pode se dar conforme os quatro “movimentos” funcionais propostos por Custódio Filho (2011).

Como a atividade é muito extensa, fizemos uma seleção de questões que consideramos serem as mais representativas para demonstrar o desempenho dos discentes na compreensão da construção da referência dos elementos mais importantes da narrativa. Procedemos, a seguir, à análise propriamente dos resultados observados.

Vejamos, a seguir, o primeiro fragmento do texto e as questões analisadas, cujo foco é destacar o movimento funcional da construção da referência, segundo Custódio Filho (2011).

#### *Fragmento 1*

Ela subiu sem pressa a tortuosa ladeira. À medida que avançava, as casas iam rareando, modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios. No meio da rua sem calçamento, coberta aqui e ali por um mato rasteiro, algumas crianças brincavam de roda. A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde.

Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinha um jeito jovial de estudante.

— Minha querida Raquel.

Ela encarou-o, séria. E olhou para os próprios sapatos.

— Veja que lama. Só mesmo você inventaria um encontro num lugar destes. Que ideia, Ricardo, que ideia! Tive que descer do táxi lá longe, jamais ele chegaria aqui em cima.

Ele sorriu entre malicioso e ingênuo.

— Jamais, não é? Pensei que viesse vestida esportivamente e agora me aparece nessa elegância... quando você andava comigo, usava uns sapatões de sete léguas, lembra?

— Foi para me dizer isso que você me fez subir até aqui? —perguntou ela, guardando o lenço na bolsa. Tirou um cigarro. — Hem?!

— Ah, Raquel... — e ele tomou-a pelo braço, rindo. — Você está uma coisa de linda. E fuma agora uns cigarrinhos pilantras, azul e dourado... Juro que eu tinha que ver ainda uma vez toda essa beleza, sentir esse perfume.

[...]

#### *Atividade sobre o fragmento 1*

1. Como você caracteriza o personagem Ricardo? Apresente pistas textuais que comprovem sua resposta.
2. Como você caracteriza a personagem Raquel? Apresente pistas textuais que comprovem sua resposta.

---

<sup>9</sup> TELLES, Lygia Fagundes. *Mistérios*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1981, p. 22-31.

<sup>10</sup> A fim de ter acesso à atividade na íntegra, sugerimos a consulta a Ferreira Neto (2018).

Na primeira questão deste fragmento, que tem como objetivo chamar a atenção dos alunos para o movimento funcional da apresentação do personagem Ricardo, quase todos os alunos responderam satisfatoriamente. O aluno 1<sup>11</sup>, por exemplo, percebeu adequadamente os traços deste personagem. Vejamos, a seguir, a resposta apresentada por esse discente:

(3)

Ele parece ser apaixonado e simples. Pistas textuais “Ah, Raquel... Você está uma coisa de linda... Juro que eu tinha que ver ainda uma vez toda essa beleza, sentir esse perfume, minha querida Raquel” (aluno 1).

Assim como na primeira questão, a maioria dos alunos respondeu corretamente à segunda questão, cujo objetivo é chamar a atenção dos discentes para o movimento funcional de apresentação da personagem Raquel. Vejamos, a seguir, uma resposta apresentada:

(4)

Ela parece ser bonita e elegante. Pistas textuais: “Juro que eu tinha que ver toda essa beleza, sentir esse perfume”. Também parece ser zangada (aluno 12).

Entretanto, três alunos não obtiveram êxito em suas respostas a essa questão. Podemos observar isso na resposta a seguir, na qual o aluno coloca como pistas textuais fragmentos que mostram Raquel como uma personagem arrogante ou chateada, porém, ele a caracteriza como uma companheira ousada de Ricardo:

(5)

A personagem Raquel se apresenta como uma companheira bem ousada de Ricardo. Pistas textuais: “Veja que lama. Só mesmo você inventaria um encontro num lugar destes. Que ideia, Ricardo, que ideia! Tive que descer do táxi lá longe, jamais ele chegaria aqui em cima” (aluno 15).

As atividades do segundo ao sexto fragmento centram-se, principalmente, na tentativa de fazer os alunos perceberem os traços acrescentados e confirmados dos personagens Raquel e Ricardo. Os questionamentos propostos se embasam, assim, nos pressupostos teóricos da referenciação consoante a segunda tendência de estudos, por meio dos movimentos funcionais. Passemos, então, à análise das respostas apresentadas pelos discentes.

Observemos, a seguir, o segundo fragmento do texto e as questões analisadas.

---

<sup>11</sup> A fim de não identificar os alunos da pesquisa, identificamo-los através de números.

*Fragmento 2*

Perplexa, ela encarou-o um instante. E vergou a cabeça para trás numa risada.

— Ver o pôr do sol!... Ah, meu Deus... Fabuloso, fabuloso!... Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos, me faz vir de longe para esta buraqueira, só mais uma vez, só mais uma! E para quê? Para ver o pôr do sol num cemitério...

Ele riu também, afetando encabulamento como um menino em falta.

— Raquel, minha querida, não faça assim comigo. Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda, como se isso fosse possível. Moro agora numa pensão horrenda, a dona é uma Medusa que vive espiando pelo buraco da fechadura...

— E você acha que eu iria?

— Não se zangue, sei que não iria, você está sendo fidelíssima. Então pensei, se pudéssemos conversar um pouco numa rua afastada... — disse ele, aproximando-se mais. Acariciou-lhe o braço com as pontas dos dedos. Ficou sério. Aos poucos, inúmeras rugazinhas foram-se formando em redor dos seus olhos ligeiramente apertados. Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta: não era nesse instante tão jovem como aparentava. Mas logo sorriu e a rede de rugas desapareceu sem deixar vestígio. Voltou-lhe novamente o ar inexperiente e meio desatento.

[...]

*Atividade sobre o fragmento 2*

1. Complete o quadro a seguir, com as características do personagem Ricardo, conforme é indicado.

<b>Informações acrescentadas sobre Ricardo</b>	<b>Informações confirmadas sobre Ricardo</b>

2. Complete o quadro a seguir, com as características da personagem Raquel, conforme é indicado.

<b>Informações acrescentadas sobre Raquel</b>	<b>Informações confirmadas sobre Raquel</b>

Neste fragmento, na primeira questão, que trata sobre os traços acrescentados e confirmados sobre Ricardo, a maioria das respostas caracterizou, adequadamente, esse personagem como um homem educado no quadro das informações acrescentadas e como um homem apaixonado no quadro das informações confirmadas. Observamos isso nas respostas a seguir:

(6)

Informações acrescentadas: Ricardo é um homem educado, ele também é feliz e sorridente e que em um instante não aparentava ser tão jovem (aluno 1).

(7)

Informações confirmadas: Ele é um homem bem apaixonado (aluno 1).

Destacamos, também, na resposta, que o aluno percebeu uma das marcas que mostra que Ricardo não está tão sereno quanto ele tenta aparentar. Todas as vezes que ele fica aborrecido, aparece a rede de rugas, que o faz aparentar ser mais velho.

Na segunda questão do fragmento, que trata sobre os traços acrescentados e confirmados sobre Raquel, a maioria das respostas caracterizou, apropriadamente, essa personagem como uma mulher nervosa e medrosa no quadro das informações acrescentadas e como uma mulher séria no quadro das informações confirmadas. Vejamos essas ocorrências nas respostas a seguir:

(8)

Informações acrescentadas: Ela é nervosa e bem medrosa (aluno 18).

(9)

Informações confirmadas: Ela é uma moça séria (aluno 18).

Passamos, a seguir, para a atividade analisada do terceiro fragmento do texto.

### *Fragmento 3*

— Ah, Raquel, olha um pouco para esta tarde! Deprimente por quê? Não sei onde foi que eu li, a beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio-tom, nessa incerteza. Estou-lhe dando um crepúsculo numa bandeja e você se queixa.

— Não gosto de cemitério, já disse. E ainda mais cemitério pobre.

Delicadamente ele beijou-lhe a mão.

— Você prometeu dar um fim de tarde a este seu escravo.

— É, mas fiz mal. Pode ser muito engraçado, mas não quero me arriscar mais.

— Ele é tão rico assim?

— Riquíssimo. Vai me levar agora numa viagem fabulosa até o Oriente. Já ouviu falar no Oriente? Vamos até o Oriente, meu caro...

Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente ficou envelhecida.

[...]

### *Atividade sobre o fragmento 3*

1. Complete o quadro a seguir, com as características do personagem Ricardo, conforme é indicado.

<b>Informações acrescentadas sobre Ricardo</b>	<b>Informações confirmadas sobre Ricardo</b>
--	--

--	--

2. Complete o quadro a seguir, com as características da personagem Raquel, conforme é indicado.

<b>Informações acrescentadas sobre Raquel</b>	<b>Informações confirmadas sobre Raquel</b>

Na primeira questão deste fragmento, que trata dos traços acrescentados e confirmados sobre Ricardo, destacamos que muitos alunos começaram a perceber, apropriadamente, que há algo de estranho com o personagem devido às rugas que aparecem em seu rosto quando ele fica nervoso. Como traço confirmador, os aprendizes destacaram, principalmente, o fato de ele ser carinhoso com Raquel. Observemos os fatos destacados nas respostas a seguir:

(10)

Informações acrescentadas: Ricardo é um homem jovem, mas quando ele fica nervoso, aparece um bocado de ruguinhas e ele fica com aparência de velho (aluno 4).

(11)

Informações confirmadas: Ricardo é muito carinhoso com Raquel (aluno 7).

Entretanto, três alunos não conseguiram responder a esta questão de modo totalmente satisfatório. Observamos isso na resposta a seguir:

(12)

Informações acrescentadas: Ele é um rapaz que tenta ver beleza até em um cemitério e é um homem com pouca opinião (aluno 10).

A primeira informação apresentada até pode estar condizente com o desenvolvimento da narrativa, no entanto, afirmar que ele é um homem com pouca opinião vai de encontro aos traços construídos do personagem.

Na segunda questão do fragmento, que trata dos traços acrescentados e confirmados sobre a personagem Raquel, vários alunos a caracterizaram, acertadamente, como interesseira no quadro das informações acrescentadas. No quadro de informações confirmadas, os

discentes a caracterizaram, sobretudo, como uma mulher arrogante. Vejamos, a título de ilustração, as respostas a seguir:

(13)

Informações acrescentadas: Ela é uma mulher rica e interesseira (aluno 8).

(14)

Informações confirmadas: Ela é uma mulher arrogante (aluno 9).

Observemos, a seguir, o sexto fragmento do texto e a questão analisada.

#### *Fragmento 6*

Ele não respondeu. Adiantara-se até um dos gavetões na parede oposta e acendeu um fósforo. Inclinou-se para o medalhão frouxamente iluminado.

— A priminha Maria Emília. Lembro até do dia em que tirou esse retrato. Foi duas semanas antes de morrer... Prendeu os cabelos com uma fita azul e veio se exhibir, estou bonita? Estou bonita?... — Falava agora consigo mesmo, doce e gravemente. — Não, não é que fosse bonita, mas os olhos... Venha ver, Raquel, é impressionante como tinha olhos iguais aos seus.

Ela desceu a escada, encolhendo-se para não esbarrar em nada.

— Que frio faz aqui. E que escuro, não estou enxergando...

Acendendo outro fósforo, ele ofereceu-o à companheira.

— Pegue, dá para ver muito bem... — Afastou-se para o lado. — Repare nos olhos.

— Mas está tão desbotado, mal se vê que é uma moça... — Antes de a chama se apagar, aproximou-a da inscrição feita na pedra. Leu em voz alta, lentamente. — Maria Emília, nascida em vinte de maio de mil e oitocentos e falecida... — Deixou cair o palito e ficou um instante imóvel. — Mas esta não podia ser sua namorada, morreu há mais de cem anos! Seu menti...

#### *Atividade sobre o fragmento 6*

1. Complete o quadro a seguir, com as características do personagem Ricardo, conforme é indicado.

<b>Informações acrescentadas sobre Ricardo</b>	<b>Informações confirmadas sobre Ricardo</b>

Neste fragmento, na primeira questão, que trata sobre os traços acrescentados e confirmados sobre Ricardo, todos os dezoito alunos classificaram, adequadamente, o personagem como um mentiroso no quadro de informações acrescentadas, o que é um dado essencial para se perceber a transformação pela qual ele passa em seguida no conto. Como traço confirmado, os alunos destacaram o fato de Ricardo querer ver, a qualquer custo, as sepulturas de seus familiares. Constatamos isso nas respostas a seguir:

(15)

Informações acrescentadas: Ele é completamente mentiroso (aluno 7).

(16)

Informações confirmadas: Ele parece cada vez mais obcecado em ver as gavetas onde estão sua mãe e sua prima (aluno 7).

Vejamos, a seguir, o sétimo fragmento e as questões analisadas, cujo objetivo principal é destacar o movimento funcional de correção, conforme salientamos em nossos pressupostos teóricos, com base em Custódio Filho (2011),

*Fragmento 7*

Um baque metálico decepou-lhe a palavra pelo meio. Olhou em redor. A peça estava deserta. Voltou a olhar para a escada. No topo, Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada. Tinha seu sorriso meio inocente, meio malicioso.

— Isto nunca foi o jazigo da sua família, seu mentiroso! Brincadeira mais cretina! — exclamou ela, subindo rapidamente a escada. — Não tem graça nenhuma, ouviu?

Ele esperou que ela chegasse quase a tocar o trinco da portinhola de ferro. Então deu uma volta à chave, arrancou-a da fechadura e saltou para trás.

— Ricardo, abre isto imediatamente! Vamos, imediatamente! — ordenou, torcendo o trinco. — Detesto este tipo de brincadeira, você sabe disso. Seu idiota! É no que dá seguir a cabeça de um idiota desses. Brincadeira mais estúpida!

— Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da porta, tem uma frincha na porta. Depois, vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr do sol mais belo do mundo.

Ela sacudia a portinhola.

— Ricardo, chega, já disse! Chega! Abre imediatamente, imediatamente! — Sacudiu a portinhola com mais força ainda, agarrou-se a ela, dependurando-se por entre as grades. Ficou ofegante, os olhos cheios de lágrimas. Ensaçou um sorriso. — Ouça, meu bem, foi engraçadíssimo, mas agora preciso ir mesmo, vamos, abra...

Ele já não sorria. Estava sério, os olhos diminuídos. Em redor deles, reapareceram as rugazinhas abertas em leque.

— Boa noite, Raquel.

— Chega, Ricardo! Você vai me pagar!... — gritou ela, estendendo os braços por entre as grades, tentando agarrá-lo. — Cretino! Me dá a chave desta porcaria, vamos! — exigiu, examinando a fechadura nova em folha. Examinou em seguida as grades cobertas por uma crosta de ferrugem. Imobilizou-se. Foi erguendo o olhar até a chave que ele balançava pela argola, como um pêndulo. Encarou-o, apertando contra a grade a face sem cor. Esbugalhou os olhos num espasmo e amoleceu o corpo. Foi escorregando. — Não, não...

Voltado ainda para ela, Ricardo recuou até a porta e abriu os braços. Foi puxando as duas folhas escancaradas.

— Boa noite, meu anjo.

Os lábios dela se pregavam um ao outro, como se entre eles houvesse cola. Os olhos rodavam pesadamente numa expressão embrutecida.

— Não...

[...]

*Atividade sobre o fragmento 7*



5. Indique a característica que revela uma radical transformação pela qual Ricardo passou. Justifique com dois trechos do sétimo fragmento.

<b>Grande transformação de Ricardo</b>	<b>Trecho(s) confirmador(es)</b>

Na quinta questão deste fragmento, que solicita que os alunos percebam que o personagem Ricardo passa por uma transformação – de um homem apaixonado para o assassino de Raquel –, a qual corresponde ao movimento funcional da correção, três alunos limitaram-se a falar que o personagem fica sério, o que não representa a real transformação que ocorre com Ricardo. Todos os demais alunos perceberam a transformação pela qual passa o personagem. Observemos, então, as respostas a seguir:

(17)

Grande transformação de Ricardo: Ricardo parou de sorrir e ficou sério; trecho confirmador: “Ele já não sorria. Estava sério, os olhos diminuídos. Em redor deles, reapareceram as rugazinhas abertas em leque” (aluno 10).

(18)

Grande transformação de Ricardo: Ele se tornou um assassino; trecho confirmador: “Então deu uma volta à chave, arrancou-a da fechadura e saltou para trás” (aluno 18).

Como podemos perceber, o aluno 10 não conseguiu compreender a real transformação que o personagem Ricardo sofre, diferentemente do aluno 18, que ainda comprova sua interpretação com um fragmento essencial que corrobora essa transformação.

Conforme podemos verificar na análise das respostas apresentadas, os leitores, ao construir a rede referencial, não se limitaram a identificar as expressões referenciais que atuam para promover a progressão dos objetos de discurso, mas buscaram verificar o teor completo da informação. Portanto, para responder às questões propostas, cujo objetivo é justamente destacar a construção do referente, eles recorreram aos diversos estratos da materialidade linguística, como sintagmas nominais, adjetivos e predicções, o que confirma a hipótese que seguimos, consoante as ideias preconizadas por Cavalcante (2011) e Custódio Filho (2011), de que a construção referencial é mais total do que pontual, uma vez que é resultado da compreensão global do texto.

Destacamos que, apesar de algumas inadequações presentes nas respostas apresentadas pelos alunos (o que é normal no processo de ensino-aprendizagem, haja vista que, através do

erro, o aprendiz pode, também, construir o conhecimento), o desempenho dos discentes, na atividade de compreensão textual, foi bastante satisfatório, e temos convicção de que os questionamentos cumpriram seu papel mais fundamental, que foi chamar a atenção sobre a construção da referência por meio dos movimentos funcionais.

Almejamos, com a elaboração e aplicação das atividades, fazer o aprendiz interagir com o texto e assumir seu papel na produção dos sentidos, como é defendido pelos pressupostos teóricos da Linguística Textual. Por isso, consideramos essencial, no processo de compreensão textual, que o professor favoreça o diálogo entre o autor, o texto e o leitor, a fim de provocar a reflexão crítica dos sentidos construídos, o que é uma orientação que vai ao encontro do que estabelece a perspectiva sociocognitivista.

Avaliamos, portanto, que os aprendizes compreenderam que as questões propostas indicam que os referentes não devem ser apenas localizados por meio de uma expressão referencial, mas reconstruídos, no processo de compreensão textual, através do trabalho sociocognitivo do interlocutor para a produção dos traços de sentidos, uma vez que “uma representação proposta para um referente não resulta, exclusivamente, das expressões referenciais utilizadas para designá-lo” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p. 43).

Assinalamos, assim, que, a partir dos dados observados, os objetos de discurso, no processo de compreensão textual, contam com a atuação efetiva dos interlocutores para que eles sejam (re)construídos e façam sentido, o que corrobora as análises empreendidas pelos estudiosos vinculados à segunda tendência de pesquisas em referenciação. Julgamos, diante dessa constatação, que ter proporcionado isso aos nossos alunos, a fim de que eles realizassem a integração dos múltiplos fatores imbuídos na construção dos sentidos, foi um dos grandes méritos de nossa ação docente.

Diante das reflexões que realizamos, ressaltamos que o processo eficiente de ensino-aprendizagem de compreensão textual propicia, entre outros objetivos, que os aprendizes entendam que as escolhas discursivas feitas pelo escritor do texto têm uma função essencial no seu projeto de dizer, mantendo entre elas uma relação para a configuração dos sentidos.

#### **4 Conclusão**

Neste artigo, intencionamos demonstrar uma atividade de compreensão textual aplicada para alunos de 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública municipal de

Fortaleza-CE, com enfoque no domínio das estratégias de construção dos processos referenciais.

Constatamos que o tratamento dos fenômenos referenciais, sob a perspectiva sociocognitivo-discursiva, pode aprimorar o desempenho do aprendiz nas atividades de compreensão textual. Os estudos da referenciação mostraram-se uma opção eficaz para a exploração da construção de sentidos na tessitura textual, uma vez que os conhecimentos proporcionados pela proposta de construção da referência através dos movimentos funcionais, preconizados por Custódio Filho (2011), colaboraram para um trabalho mais específico e coerente com o texto nas aulas de Língua Portuguesa, favorecendo, pois, o trabalho com a compreensão textual em sala de aula.

Com os resultados obtidos em nossa pesquisa, acreditamos ter contribuído em demonstrar que é possível realizar um trabalho docente que se baseie nos pressupostos teóricos da referenciação, o qual possa, entre outros objetivos, oportunizar um processo interativo do leitor-aprendiz com o texto na busca da produção de sentidos, que o faça utilizar as estratégias que melhor se coadunem para a compreensão do projeto de dizer do enunciador.

## Referências

CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P. O caráter naturalmente recategorizador das anáforas. *In: AQUINO, Z. G. O.; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. (Orgs.). Estudos do discurso: caminhos e tendências.* São Paulo: Paulistana, 2016, p. 119-133.

CAVALCANTE, M. M.; CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, M. A. P. **Coerência, referenciação e ensino.** São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, M. M. **Os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTE, M. M. **Referenciação:** sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: UFC, 2011

CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. **Caderno de Estudos Linguísticos.** Campinas, SP, v. 10, n. 44, p. 105-118, jan./jun. 2003.

CUSTÓDIO FILHO, V. Rediscutindo o princípio de construção negociada dos objetos de discurso. **Revista de Letras.** Fortaleza, CE, v. 2, n. 36, p. 63-77, jul./dez. 2017.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações:** esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. 2011. 329 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

CUSTÓDIO FILHO, V. Aspectos multimodais envolvidos na construção da referência. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6., 2009, João Pessoa. Anais...* João Pessoa, PB: Ideia, 2009, p. 2927-2936. 1 CD-ROM.

FERREIRA NETO, J. A. **Desenvolvimento de estratégias de referência na produção de textos narrativos**: uma proposta de interação professor-aluno. 2018. 218 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras). Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à Linguística**. Fundamentos epistemológicos. v. 3, ed.2, São Paulo: Cortez, 2005. p. 251-300.

LIMA, S. M. C. de; CAVALCANTE, M. M. Revisitando os parâmetros do processo de recategorização. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v.13, n. 25, p. 295-315, jun./jul. 2015.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. A construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante. *In*: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Orgs.). **Referênciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.

Data de recebimento: 6 de maio de 2019.

Data de aceite: 30 de julho de 2019.